

Os olhares de uma (re) leitura na construção da identidade leitora

Mestranda Aline Oliveira da Silva¹ (UFBA)

Resumo:

O trabalho de leitura literária realizado pelo professor de Língua Portuguesa pode direcionar, em muito, as escolhas dos educandos. Assim, as ações encaminhadas em sala e fora dela não devem perder de vista a importância da leitura para a formação da identidade leitora dos estudantes. Tomando como base esse pressuposto, o objetivo desse trabalho é divulgar um experimento de leitura realizado com estudantes do sexto ano do ensino fundamental, durante uma unidade letiva, que viabilizou práticas de leitura e produção de texto na perspectiva de os estudantes se reconhecerem como parte do processo de interação. Para tanto, realizou-se, inicialmente, a escolha do livro literário “Dez mais: horripilantes contos de fadas”, de Michael Coleman, publicado pela Companhia das Letras. Após a leitura completa da obra, alguns contos foram selecionados a partir de critérios elencados pelos estudantes. Em seguida, iniciou-se uma análise mais cuidadosa desses textos com objetivo de melhor compreender o elemento “terror” que havia neles. No decorrer das discussões realizadas por conta das análises dos textos, os estudantes confrontaram elementos comuns nesses textos que também existem em outras versões do mesmo conto. Sob a ótica da Linguística Textual, estudos de intertextualidade foram realizados no sentido de ampliação da percepção da capacidade de realizar (re) leitura de textos. Concluída a fase de compreensão dos contos, direcionou-se o trabalho para a produção do texto via releitura de um conto que os estudantes escolheram pelo quesito afinidade. Nesse momento, houve mais uma oportunidade para o trabalho com os elementos que compõem uma narrativa. Definidos esses elementos, iniciou-se o exercício de elaboração do texto coletivo, uma vez que o trabalho foi realizado em equipe. A apresentação do texto finalizado foi bastante diversificada para cada grupo. Os resultados obtidos contribuíram para a formação crítica da identidade leitora dos estudantes.

Palavras-chave: contos clássicos, leitura, intertextualidade, identidade leitora.

1 Reflexões iniciais

Ao se pensar em leitura, quer seja na escola ou em qualquer outro ambiente, não se pode perder de vista a necessidade de se apresentar aos sujeitos-leitores obras literárias que sejam do universo étario e lúdico deles, propiciando, desse modo, um possível convívio mais duradouro com os livros. Assim, é preciso se ter cautela para analisar como esses sujeitos-leitores estão se familiarizando com a leitura. Uma maneira para fazer isso é observar como acontece o processo de aproximação do leitor com o livro nas aulas de Língua Portuguesa.

O contato com obras clássicas é uma maneira de aproximar o leitor do universo da (re) leitura, visto a possibilidade de inseri-lo no mundo lúdico, mágico, por meio do qual, histórias lhe chegam repletas de significados. Para Calvino (2014), os clássicos são vistos como leitura de formação, por meio da qual o indivíduo tem condição de ir construindo seu repertório de leituras e releituras. O autor afirma ainda que “[...] toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a primeira e que toda primeira leitura de um clássico é na realidade uma releitura”.

Em boa parte das escolas de Ensino Fundamental, quer seja nível I ou II, da rede privada do Brasil, há listas de obras literárias, ou pelo menos, exemplares a serem lidos pelos estudantes e professores, durante o ano letivo, na disciplina Língua Portuguesa, como forma de estimular a leitura e, assim, poder concretizá-la. Um fato importante a ser chamado a atenção é o de que muitos dos livros indicados para leitura não foram escolhidos pelos alunos, e isso, comumente, interfere na relação estabelecida entre o leitor e a obra. A partir desse viés, analisei e consegui, junto à coordenação de uma das escolas em que trabalho, a condição de permitir que os educandos pudessem escolher uma obra literária que desejassem ler.

Levando em consideração os gêneros textuais trazidos pelo livro didático e a necessidade de trabalhar com esses, normalmente, listo, a partir deles, obras literárias para o público infanto-juvenil que contemplem esses gêneros. Não é sempre que consigo permitir que os educandos escolham o que desejam ler, mas isso acontece em algum momento ao longo da minha prática.

Em 2014, os estudantes puderam escolher e assim fizeram. A obra da vez foi “Dez mais: horripilantes contos de fadas”, de Michael Coleman, publicado pela Companhia das Letras, em 2013. Essa escolha aconteceu a partir de uma lista que contemplava outros exemplares do gênero. Quando perguntado aos estudantes o porquê dessa escolha, a resposta foi quase unânime: “Tem terror, pró!”, muitos disseram. “Assim ler fica melhor”, outro completou. (Análise feita a partir da capa e do título do livro que foi projetado em PowerPoint.) Diante desse argumento e acompanhando a reação dos jovens leitores, acatei o desejo de ler e planejei um experimento de leitura a partir da obra, de modo que esse contemplasse também um exercício de escrita, propondo uma releitura de um conto de fadas, que revelasse traços identitários dos educandos.

Com esse experimento, desejava proporcionar aos estudantes a leitura de uma obra em que o prazer por ler estivesse atrelado ao desejo de conhecer outras histórias e mais versões desses textos, além de possibilitar-lhes um contato com clássicos originais, na perspectiva de que eles pudessem compreender como textos já conhecidos (versões dos clássicos) contribuem para que as pessoas possam ampliar sua capacidade leitora.

2 Entre muitas leituras, uma releitura

O contato com um acervo amplo e diversificado possibilita tanto a seleção da (re) leitura quanto o desejo de ampliá-la no sentido de se constatar as mudanças que diferem uma obra da outra. Por meio dessa escolha, do que ler e quando o fazer, o indivíduo vai ressignificando sua identidade leitora, que vai sendo moldada em cada nova possibilidade de ler uma mesma história com diferentes versões. Ter o conhecimento de um texto original (um clássico) nem sempre é fácil e acessível, mas, como maneira de propiciar um olhar daquela obra, diferentes autores dedicam-se a reescrevê-la no sentido de fazê-la presente na vida de cada leitor.

A (re) leitura de uma história contada por autores diversos, além de acrescentar informações no que concerne a diferenciá-la da obra original, introduz algo novo a partir das mudanças ocasionadas pelas escolhas de cada autor. Assim, a simples alteração do nome de “Chapeuzinho Vermelho”, clássico de Charles Perrault, ganha novos significados com a versão de “Chapeuzinho Amarelo”, de Chico Buarque. O mesmo acontece com a história de “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carroll e a obra “Alice no País das Mentiras”, de Pedro Bandeira. Além dessas criações, há outras que se originaram dos clássicos.

Diferenças como as supracitadas servem para reafirmar a importância da leitura dos clássicos na formação da identidade leitora.

Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual. (MACHADO, 2002, p.23)

Cada clássico carrega em si uma história única, dotada de significados. As origens desse gênero são diversas. Coleman (2013) apresenta uma linha do tempo, trazendo alguns dos maiores contadores de história de todos os tempos. Além disso, há autores que remetem a contação à Antiguidade Clássica, outros à época das grandes navegações, em que muitos dos textos eram criados oralmente para servir como forma de distração, divertimento durante as longas viagens marítimas; outras contavam os feitos dos heróis. Independente do momento ou até mesmo da função, as obras clássicas resistem ao tempo, uma ideia do que já seria clássica é essa, e estão em diversos lugares à disposição dos sujeitos-leitores que terão desejo de conhecê-las e adentrá-las.

Partindo do meu desejo de conhecer o que os estudantes do sexto ano do Ensino Fundamental II sabiam acerca das obras clássicas ou dos contos de fadas, realizei, inicialmente, com eles uma espécie de “tempestade de ideias” para introduzir o experimento literário. Desse modo, lancei mão dos seguintes questionamentos: O que vocês (estudantes) sabem sobre os Clássicos e os Contos de Fadas? Conhecem algum? Qual? Conhecem por que leram ou ouviram a história? Já escreveram algum conto? Alguma versão? Qual? As respostas foram registradas no quadro branco e depois analisadas por todos. A turma não havia lido muito do gênero em análise e poucas foram as obras citadas e lembradas.

De posse do livro “Dez mais: horripilantes contos de fadas”, de Michael Coleman, expliquei aos estudantes que faríamos, ao longo da primeira unidade letiva, um experimento literário. Não entrei em detalhes, visto ainda estarem, também em processo para mim, as etapas a serem desenvolvidas no decorrer do percurso. Senti que a recepção à minha fala foi bem positiva, uma vez que os estudantes mostraram-se empolgados com a proposta, mesmo que embrionária. (Acredito, como professora, que a recepção positiva ao trabalho proposto modifica, em muito, o caminho a ser trilhado, já que o docente é um dos mentores à realização de sonhos também em parte dos educandos).

A leitura da obra literária em análise iniciou-se em sala de aula de maneira bastante cuidadosa. Inicialmente, apresentei como o livro era organizado: após cada conto, há uma seção intitulada “Curiosidades”. Nesta, há as informações necessárias para que os estudantes compreendam melhor como surgiram as histórias dos contos de fadas, quem foram seus primeiros autores, como elas eram contadas, curiosidades sobre as escolhas dos elementos que compõem os textos, enigmas, entre outros detalhes. Falei ainda de outros elementos que compõem a obra, como a capa, contracapa e o fim.

Para a leitura completa da obra, tive de reservar momentos, durante as aulas de Língua Portuguesa, para contemplar as discussões provenientes dessas, uma vez que algumas dúvidas surgiam. Busquei ampliar as leituras, realizando-as de maneiras diversas, em dupla, oralmente, em trio, em equipes (já que organizara a culminância desse modo), objetivando o entendimento e a clareza dos contos trazidos pela obra, principalmente por saber que a maioria da turma tinha pouco contato com textos do gênero. Algumas das leituras realizadas foram mediadas por questões reflexivas, de cunho mais social que literário. Nesse momento,

tomei o devido cuidado de elaborar questões (poucas) que ampliassem o olhar sobre os textos lidos no sentido de refletirmos sobre o nosso cotidiano, mas também não perdi de vista que as crianças ainda não possuíam uma visão ampla acerca de problemas sociais que podiam ser evidenciados a partir da leitura dos textos, como o abandono dos filhos pelos pais, o que chegou a ser um pouco discutido, mas de forma branda, a fim de não as chocar.

Após a leitura integral da obra e diversos momentos de conversa a respeito dos elementos supracitados, mais escolhas foram feitas. A turma agora deveria escolher um conto por equipe (dividi a turma em quatro por serem apenas dezoito estudantes) para iniciarmos um trabalho de análise mais criterioso. Assim foi feito, e os textos selecionados foram: João e Maria, Chapeuzinho Vermelho, Cinderela e A Bela Adormecida. Quando eu questionei os estudantes sobre o porquê desses textos, eles foram bem pontuais: “Porque já sabemos alguma coisa deles, pró. Já ouvimos falar”. Diante desse argumento, eu percebi que ali, naquela escolha, já havia algum traço de identificação com aqueles textos.

As análises dos contos se diversificaram à medida que líamos e discutíamos. Como o primeiro conto lido foi João e Maria, apresento-lhes um pouco do percurso percorrido nesse processo de compreender os pormenores de um texto.

2.1 Um novo olhar: João e Maria

Como esse foi um dos textos escolhidos pelos estudantes, antes de iniciarmos a análise de alguns elementos, pedi que eles me apresentassem um olhar do que já haviam lido acerca desse conto. Assim, trouxeram-me fatos como: “É a história de dois irmãos que se perdem na floresta e têm dificuldade de voltar pra casa, pois os pedaços de pão utilizados por eles para marcar o caminho de volta são comidos pelos pássaros”. “O que mais vocês podem me dizer?”, questionei-os. “Ah, pró, havia a madrasta e o pai”. Nesse momento, uma estudante levanta a mão e pede para falar. Eu lhe concedo o direito de fala. Ela diz: “Mas nesse livro é diferente. Não há madrasta coisa nenhuma. É a mãe que é má”. Ela já falava da versão apresentada por Michael Coleman. Então, iniciamos a análise partindo desse questionamento: O que difere essa versão das demais que vocês conhecem? O que pode haver de horripilante nesse conto? Como nem todos souberam responder, propus uma releitura para encontrarem as respostas desses questionamentos.

As respostas vieram assim que a leitura foi concluída. Elas foram ouvidas. Pedi que os estudantes as anotassem para posterior consulta caso fosse necessário. Para começar, informei-lhes de que a versão trazida por Coleman é a original escrita pelos irmãos Grimm: Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859). Falei-lhes ainda que essa obra ficou famosa mesmo, em 1893, quando o compositor decidiu transformá-la em uma ópera para crianças, mas, por conta disso, com receio de não as amedrontar, uma parte do conto original foi omitida, a que faz referência à crueldade dos pais em abandonarem os filhos.

Como o elemento “crueldade” apareceu em minha fala, indaguei os estudantes no sentido de eles sentirem que o “terror”, critério utilizado por eles para a escolha do livro, não era bem o que eles imaginavam: “sangue”, “morte”, ou algo do tipo que eles estavam acostumados a ver em filmes, mas sim o modo como os indivíduos se relacionam uns com os outros. Houve um choque acompanhado de surpresa. Tentei tranquilizá-los, explicando-lhes que é do humano o sentimento de crueldade. Convidei-os a pensarem em situações em que eles já foram cruéis com outras pessoas ou o oposto, como forma de eles reconhecerem essa atitude.

Após a exposição das respostas referentes aos questionamentos iniciais para uma análise mais minuciosa do conto, fomos ao detalhamento do texto. Primeiro buscamos compreender a relação existente entre os personagens centrais (pais e filhos). Em seguida, começamos a levantar hipóteses acerca da atitude da mãe querer se livrar dos filhos, como aparece na fala: “A única coisa que nos resta. Levar nossas crianças para o meio da floresta e abandoná-las lá”, (Coleman, 2013, p.11), confrontando-a com a reação do pai: “Nossas crianças? Minha querida filha? Meu superfilhão? O que você está dizendo? Eles serão atacados, rasgados em pedaços pelos animais selvagens!”, (Coleman, 2013, p.11). A partir dessa análise, os estudantes puderam discutir comportamentos e atitudes que são mais comuns aos pais ou às mães. Houve um estranhamento deles com relação à atitude da mãe, pois ela, em nenhum momento, pensava em proteger os filhos, pelo contrário, como o expresso em: “Somos nós ou eles. Que os animais selvagens comam pezinhos decepados no café-da-manhã, é o que eu digo. Daí com duas bocas a menos para alimentar, quem sabe a gente não morre de fome”, (Coleman, 2013, p.11-12), que revela total egoísmo em não pensar nem um pouco nos filhos. Além disso, ela ainda ameaça o marido com a fala: “Então, meu caro marido, é melhor você começar a construir um caixão grande o suficiente para nós quatro. Porque isso e mais aquilo e...”, (Coleman, 2013, p.11-12), revelando o quanto é cruel e insensata.

Outro ponto levantando pelos estudantes na análise do conto foi a ingenuidade de Maria, a exemplo de quando ela reclama com João: “Não é hora de fazer jardinagem, seu bocó!”, (Coleman, 2013, p. 12), mas esse reage, explicando: “Não é isso. Estou recolhendo pedrinhas prateadas...”, (Coleman, 2013, p. 12). Nesse exato momento, questionei os estudantes acerca das pedrinhas e o que eles acharam da atitude de João. Alguns disseram que era melhor levar pedra que pedaços de pão. Indaguei-os sobre esse aspecto, de mudarem o objeto, e eles foram bem pontuais: “É mais inteligente, pró, pois assim os pássaros não podiam comer”. Concordei com eles. Uma estudante ainda completou: “Observe que aqui (apontando para o livro) as pedrinhas são prateadas e isso facilita, pois elas podem brilhar no escuro”. Ótima observação! Outro trecho do conto em que Maria mais uma vez mostra-se ingênua aparece na fala: “Pai! Mãe! Voltamos! João deixou uma trilha de pedrinhas para podermos seguir o caminho de volta!”, (Coleman, 2013, p.13). Assim que os pais veem os filhos de volta, a tensão retorna a casa e a mãe fica indignada. As crianças não percebem essa atitude, pois a reação do casal é outra, mas os estudantes analisaram esse comportamento e, mais uma vez, hostilizaram a mãe. Não foi só Maria que demonstrou ingenuidade. João também, como pode ser analisado na fala: “Estamos no paraíso, Maria!”, dita quando eles encontram a casa de doces montada pela bruxa para atraí-los. (Coleman, 2013, p.17).

No que se refere ao papel assumido pela bruxa, a análise dos estudantes iniciou-se a partir das estratégias utilizadas por ela (pássaro branco, cabana de doces, boa recepção na casa...) para atrair as crianças. Nesse momento, analisamos como alguns ensinamentos (não comer algo que não conheça de onde vem, ou ainda, não falar com estranhos) caem no esquecimento quando surge a satisfação de necessidades primordiais, como a alimentação. Na sequência, analisamos a reação de João (colocar um ossinho de galinha) ao perceber as intenções da bruxa (comê-lo) para com ele.

Ao longo das discussões, a partir da análise do conto, fomos compreendendo como a literatura pode ajudar o sujeito a se relacionar melhor com o mundo no sentido de ele perceber como são construídos e em que se baseiam os laços estabelecidos entre os indivíduos em sociedade. Um personagem que colaborou muito para essa compreensão foi o apresentador, pois, por meio de suas falas, ele revelava como eram os indivíduos, ou melhor, os personagens, como podemos ver em: “O prudente João estava montando um kit de sobrevivência, essencial para qualquer criança que esteja suspeitando que seus pais vão abandoná-la na floresta...” (Coleman, 2013, p.12), ou como em:

Desamparadas em uma floresta de conto de fadas, as duas crianças perceberam a importância de manter elevadas as suas reservas de energia. Contudo, tenham cuidado. Se por caso vocês se encontrarem, um dia, na mesma situação, tratem de colher goiabas. Procurar uma casa comestível pode parecer uma boa ideia, mas não é. Elas são armadilhas letais, preparadas por bruxas malvadas para atrair crianças até suas garras. Pois assim que as crianças começaram a comer, elas escutaram uma pessoa guinchando... (COLEMAN, 2013, p. 16-17)

Essa análise serviu para que os estudantes percebessem como a leitura colabora na construção de sentido e na compreensão das relações estabelecidas socialmente.

Conhecer a versão genuína do conto *João e Maria* foi bastante significativo na perspectiva de os estudantes terem contato com a obra clássica original e, assim, puderem analisar melhor como outras versões surgiram a partir dessa.

2.2 Após leituras, uma releitura

Assim que realizamos a análise cuidadosa de João e Maria, a dos demais contos aconteceu de modo mais objetivo, uma vez que, muitas das questões levantadas em sala, os estudantes já tinham condição de responder-lhes e analisá-las em casa com a família.

Quando todos os contos já haviam sido analisados, expliquei aos educandos que faríamos uma releitura (texto escrito), em grupo, de um texto clássico. Este poderia ser algum do livro em estudo ou outro. Após a seleção dos textos que seriam utilizados para a releitura: Cinderela, A Pequena Sereia, O Pequeno Polegar e Rumpelstiltskin, iniciamos a tarefa de selecionar o que eles manteriam da obra original na releitura. Expliquei-lhes a necessidade de haver características comuns aos textos, uma vez que essas possibilitam a identificação com o outro (o original e a releitura).

Trabalhamos com os elementos da narrativa no sentido de os estudantes perceberem a construção do texto. A partir disso, eles se organizaram em grupo para criarem as versões. Essas passaram pela minha análise e foram discutidas com o grupo. Algumas sugestões foram acatadas e modificações feitas. O texto foi melhorado e a apresentação das releituras organizada. Houve uma boa diversidade na apresentação: HQ (História em Quadrinhos) em cartolina, slides em PowerPoint e esquete teatral. Todas as versões dos textos foram entregues a mim. Após a apresentação, realizamos avaliação criteriosa dos trabalhos e de todo o percurso traçado.

3 Clássicos e uma relação intertextual

A ampla variedade de versões existente de textos de um gênero permite que o indivíduo, de diferentes idades, enriqueça seu repertório de leitura, realizando, desse modo, escolhas.

O poeta Carlos Drummond de Andrade fez mais de um poema relembrando seu deslumbramento ao descobrir outro clássico em cuja leitura mergulhava, *Robinson Crusóé*. A romancista Clarice Lispector escreveu a intensa felicidade que lhe proporcionou a leitura de *Reinações de Narizinho*, um clássico brasileiro. O poeta Paulo Mendes Campos celebrou *Alice no País das Maravilhas*, do inglês Lewis Carroll, como uma das chaves que abrem as portas da realidade. (MACHADO, 2002, p.10)

A fascinação pelo universo dos clássicos não tem limite etário e conquista a admiração de diferentes pessoas, permitindo-lhes viver emoções únicas. Dessa maneira, a escola não deve omitir aos sujeitos-leitores a oportunidade de eles conhecerem esse rico e vasto mundo de histórias empolgantes, independente da série ou ano em que se encontram. Ler ou reler clássicos não está restrito a fases da vida em que o sujeito pode ter passado sem realizar tal ação. Independente de momento e etapa de amadurecimento, segundo Calvino (2014), as

[...] leituras da juventude podem ser pouco profícuas pela impaciência, distração, inexperiência das instruções para o uso, inexperiência da vida. Podem ser (talvez ao mesmo tempo) formativas no sentido de que dão uma forma às experiências futuras, fornecendo modelos, recipientes, termos de comparação, esquemas de classificação, escalas de valores, paradigmas de beleza: todas, coisas que continuam a valer mesmo que nos recordemos pouco ou nada do livro lido na juventude. Relendo o livro na idade madura, acontece reencontrar aquelas constantes que já fazem parte de nossos mecanismos interiores e cuja origem havíamos esquecido. Existe uma força particular da obra que consegue fazer-se esquecer enquanto tal, mas que deixa sua semente. Isso confirma que ler pela primeira vez um grande livro na idade madura é um prazer extraordinário: diferente (mas não se pode dizer maior ou menor) se comparado a uma leitura da juventude. A juventude comunica ao ato de ler como a qualquer outra experiência um sabor e uma importância particulares; ao passo que na maturidade apreciam-se (deveriam ser apreciados) muitos detalhes, níveis e significados a mais.

O pensamento de Calvino coaduna para que haja uma reflexão acerca de como a leitura de clássicos, em diferentes fases da vida, contribui para a formação da identidade leitora do indivíduo, uma vez que essa é constituída a partir das relações que são estabelecidas ao longo da vida.

Há diferentes maneiras de se ter contato com os clássicos e uma delas é por meio das releituras feitas por inúmeros autores, em diversas épocas, conforme já foi mencionado. Para Machado (2002), outra forma interessante de conhecer essas obras é via os mitos clássicos, greco-latinos, já que muitas histórias foram baseadas nos feitos desses heróis. A autora ainda chama a atenção para o registro da História nesses livros. Muitos escritores se utilizaram de acontecimentos históricos para criar seus enredos e conquistar uma legião de leitores.

Com a compreensão de que contar a História via literatura era uma possibilidade real de aproximar as pessoas dos livros e acontecimentos reais, uma vez que, durante muitos séculos, a leitura foi restrita a poucos indivíduos, normalmente os que desfrutavam de alto poder aquisitivo, muitos escritores passaram a dar uma maior importância aos fatos históricos narrados por acreditarem que aqueles poderiam acrescentar à vida dos sujeitos-leitores, significados, aprendizagens e diversos saberes.

O mais interessante de todo esse percurso é, talvez, compreender como, em muitos momentos, as pessoas, por falta de condições plenas de realizar a (re) leitura de um clássico, na íntegra, tentando apreender todas as suas minúcias, deixa escapar muitos detalhes por não perceberem as relações de intertextualidade que se apresentam em inúmeros textos.

[...] a intertextualidade é elemento constituinte e constitutivo do processo de escrita/leitura e compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende de conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores, ou seja, dos diversos tipos de relações que um texto mantém com outros textos. (KOCH; ELIAS, 2006, p. 86)

Assim, tomando como pressuposto que a construção de uma relação entre textos depende das leituras que o sujeito faz ao longo da vida, muito do que pode existir de intertextual entre eles dependerá de como esse indivíduo processa as informações quando as lê e as escreve, para, desse modo, poder identificá-las em outros textos. Se uma pessoa lê determinado texto sem se deter aos detalhes, aos implícitos, ela pode apenas o compreender na superficialidade.

Algumas aprendizagens

O experimento literário apresentado mostra o quanto é possível aprender a partir de análises diversas de texto. Os estudantes do sexto ano do Ensino Fundamental junto a mim realizaram (re) leituras, possibilitando com essas uma ampliação da capacidade leitora no sentido de essa contribuir para a formação crítica do educando.

É necessário pensar, a partir das ideias expostas, como a escola tem colaborado para que a identidade do sujeito-leitor seja (re) afirmada no sentido de ele perceber as múltiplas relações que podem existir por meio da (re) leitura de um texto clássico, não importando qual seja a versão do texto ou mesmo em que gênero ele possa surgir.

Dessa maneira, ainda é bastante válido, e creio que será por muito tempo, a leitura de obras clássicas no contexto escolar, uma vez que essas têm a condição de oferecer conteúdos capazes de ressignificar histórias, transformando vidas.

Referências:

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos.**

Disponível em: http://www.ufrgs.br/proin/versao_1/porque/index02.html. Acesso em: 09.08.14

COLEMAN, Michael. Dez mais: **horripilantes contos de fadas**. Ilustração de Michael Tickner. Tradução de Daniel Galera. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia e JOVER-FALEIROS, Rita (org.). **Leitura de Literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

Autora

Aline, SILVA. Mestranda em Língua e Cultura.

Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

enila16@ig.com.br